

A Psicanálise nas Ondas dos Feminismos

Mara Coelho de Souza Lago¹

¹ Doutora em Psicologia da Educação. Professora Titular Aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina, onde segue atuando em regime de trabalho voluntário. Autora de *Modos de Vida e Identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina* (EdUFSC,1996).Participou da organização de várias coletâneas e publicou artigos em diferentes periódicos acadêmicos. Atua no Programa de Pós Graduação em Psicologia e no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. Participa da coordenação editorial da Revista Estudos Feministas e da coordenação do Instituto de Estudos de Gênero-UFSC

A psicanálise nas ondas dos feminismos

Psychoanalysis in the wave of the feminisms

Mara Coelho de Souza Lago

Resumo

Este artigo reflete sobre as relações ambíguas dos estudos feministas e de gênero com a psicanálise, de Freud a Lacan, em debates que iniciam com a primeira onda dos movimentos feministas, passando pelos chamados feminismos de segunda onda, até o momento atual. É naturalmente uma análise parcial, centrada em algumas teóricas feministas mais difundidas na academia brasileira, por terem sido mais traduzidas para o português. Em seu percurso as autoras citadas transitam por diferentes campos teóricos, do estruturalismo ao pós-estruturalismo, às teorias queer.

Palavras chave: psicanálise, teorias feministas, movimentos feministas.

Abstract

This article reflects on ambiguous relationship of women's studies and gender in psychoanalysis, from Freud to Lacan, in discussions that begin with first wave of feminist movements, through so-called second wave of feminism up to present. It is of course a partial analysis, focusing on some feminist theorists more widespread in brazilian academy, having been translated into more portuguese. On his way, authors cited transiting through different theoretical fields, from structuralism to post-structuralism, queer theories.

Keywords: psychoanalysis, feminist theories, feminist movements.

Introdução

A teoria feminista ocidental conta sua própria história como uma narrativa em desenvolvimento, onde nos movemos de uma preocupação com unidade e semelhança, passando pela identidade e diversidade, em direção à diferença e à fragmentação. (Clare Hemmings, 2009).

Os feminismos e a psicanálise, como discursos que se articularam a partir dos finais do século XIX² e se constituíram como movimentos (d)e pensamentos em diferentes momentos de elaboração e atuação por todo século XX, não foram estranhos desde sempre, mesmo que suas relações tenham sido marcadas por desencontros, polêmicas, oposições. Relações ambivalentes que continuam se fazendo na atualidade.

E isso provavelmente não poderia ter sido diferente. A psicanálise, que vai sendo elaborada nos estudos, nas práticas clínicas e nas reflexões de Freud como um pensamento outro sobre o psiquismo, que acaba por subverter a concepção iluminista de sujeito universal, consciente, na verdade é um pensamento que não questiona o fato desse sujeito universal ser europeu, branco, burguês e homem. E isto é uma questão para o feminismo em geral. Mas não se tratava, naquelas circunstâncias, de olhar para as diferenças (étnicas, de classe, de gênero) a que somos convocad@s a refletir pelas contingências históricas coloniais/pós-coloniais das últimas décadas do século XX e deste início do século XXI. Embora o conhecimento filosófico, econômico e social estivesse sendo revolucionado pelo pensamento de Marx sobre a formação da sociedade

² Refiro-me aqui, especialmente, aos movimentos feministas ocidentais de primeira onda, os chamados movimentos sufragistas. Para refletir sobre reivindicações feministas por igualdade e cidadania em épocas anteriores, conferir, entre outr@s, Joan Scott *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis, Mulheres, 2002.

de classes no sistema capitalista, a ruptura epistemológica de Freud se fazia no questionamento da organização do psiquismo, com vistas ao tratamento do sofrimento psíquico³.

A psicanálise, este conhecimento que se arquitetou sobre a constituição das singularidades, estruturou-se na consideração das diferenças sexuais que transformam as crianças, a partir de sua bissexualidade psíquica inicial, em homens e mulheres posicionad@s, sem qualquer estabilidade, ao lado da feminilidade ou da masculinidade, desligadas ambas dos corpos biológicos.

Freud elaborou um saber sobre o inconsciente que descentrou o sujeito filosófico (o sujeito do conhecimento cartesiano) e isso teve consequências formidáveis, também para as teorias feministas que se foram construindo nas ondas dos movimentos feministas, a bela metáfora utilizada para significar este fluxo e refluxo das atuações das mulheres, reivindicando direitos e questionando saberes. Como todas as classificações, está é uma divisão arbitrária, mas muito corrente nos estudos feministas. Situa a primeira onda dos movimentos na virada dos séculos XIX e XX e no entre guerras, com as reivindicações por cidadania, voto, trabalho, educação: os chamados *feminismos da igualdade*. A segunda onda, pós segunda guerra e a partir dos anos 60, recrudesciu as lutas por igualdade de direitos, mas estabeleceu também as teorizações afirmativas das diferenças: os *feminismos das diferenças*.

A psicanálise não se construiu, no entanto, como uma reflexão crítica sobre a estrutura patriarcal da sociedade e da família. Suas perguntas eram outras e suas concepções se elaboraram dentro destas estruturas do pensamento ocidental patriarcal,

³ Leandro de Lajonquière (1992), em interessante análise sobre as possibilidades de uma clínica psicopedagógica do conhecimento fundada nas práticas clínicas de Freud e nas concepções de Jean Piaget, pondera sobre as inconveniências epistemológicas de perguntarmos (esperando respostas) a uma teoria sobre questões que não eram as dela, aquelas nas quais se constituiu como um corpo teórico.

em que a categoria “homem” equivale à humanidade, englobando a categoria mulher subsumida neste sujeito genérico homem (no entanto, para esse corpo teórico, não mais o sujeito racional, mas o sujeito do inconsciente, sujeito do desejo). Isto também fez questão para o feminismo.

Este novo saber construído por Freud se fundamentou muito especialmente no tratamento das pacientes diagnosticadas como histéricas pelo discurso médico da época. Em seus movimentos (Monzani, 1989), o pensamento de Freud precisou refluir sobre *as conseqüências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos*, a centralidade do complexo de castração na *dissolução do complexo de Édipo*, para pensar na *sexualidade feminina*, na *feminilidade*, quando se viu diante da importância das vivências pré-edípicas na organização psíquica da criança (e das meninas, especialmente). Questão que esteve muito ligada aos resultados do trabalho das analistas mulheres com suas pacientes femininas. E foi aí que se instaurou *a grande polêmica* no interior da psicanálise.

Chamando a atenção para a seqüência dos escritos de Freud nessa época, Sílvia Tubert (1995, p.11) ressalta que a promoção teórica do complexo de castração foi o que despertou o rechaço de muitos de seus discípulos, provocando a contestação desse conceito, especialmente em sua versão feminina (a inveja do pênis), num debate com Freud que tomou a década seguinte e teve como demais protagonistas, entre outr@s, de um lado Melanie Klein, Karen Horney, Ernest Jones⁴, e ao lado de Freud, Jeanne Lampl-de Groot, Hélène Deutsch, Marie Bonaparte. Ressalvando a validade do questionamento do falocentrismo das teorias, Tubert (1995, p.12) aponta que, nessa

⁴ Assinalo também a importância do texto produzido por Joan Rivière neste contexto, *A feminilidade como máscara* (1929), por ter promovido esta relação entre feminilidade e mascarada, com desdobramentos na teoria psicanalítica e, mais recentemente nas teorias *queer* (Butler, 1990/2003, p. 74-91).

polêmica, as críticas, ao desconheceram a dimensão histórica e simbólica da explicação freudiana da organização das diferenças entre os sexos, tiveram que recorrer a uma explicação biológica, postulando uma feminilidade primária essencial. Em carta a Carl Müller-Braunschweig datada de 1935, Freud deixa clara essa questão:

Eu me oponho a todos vocês (Horney, Jones, Rado, etc) na medida em que não fazem uma distinção clara entre o que é psíquico e o que é biológico, pois vocês tentam estabelecer um paralelismo nítido entre os dois e, motivados por tal intento, constroem irrefletidamente, fatos psíquicos que são improváveis e que vocês, no processo de fazê-lo, devem declarar como reativos ou regressivos, mas que sem dúvida são primários. Logicamente essas censuras devem ficar sem divulgação. Além disso, eu gostaria de enfatizar que devemos manter a psicanálise separada da biologia, assim como a mantivemos afastada da anatomia e da fisiologia... (Freud, [1935], 1969).

É bastante conhecida a importância do movimento feminista europeu e de Viena, no final do século XIX (Schorske, 1998, Mitchell, 1979). Assim, foi com as feministas de primeira onda, além das polêmicas com psicanalistas, que Freud teve que se confrontar em diversos momentos de suas *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* é a elas que se dirige, procurando responder às objeções que certamente lhe fariam (e fizeram).

A Psicanálise e a Segunda Onda Feminista: diálogos de tensões

Em artigo que desencadeia as discussões na seção Debates da Revista de Estudos Feministas⁵, Clare Hemmings (2009, p. 215) analisa textos de autoras que contam histórias sobre a segunda onda do feminismo ocidental e que, de acordo com ela,

⁵ Organizada por Cláudia de Lima Costa. V.17, n.1/2009.

constroem uma história dominante “de marcha incansável de progresso e de perda”. Narrativa que Hemmings questiona e procura complexificar, através da análise dos padrões de citações e recortes discursivos de alguns desses textos.

A leitura de seu artigo levou-me a buscar, nas citações de teóricas feministas, alguns pontos das infundáveis polêmicas entre feminismo e psicanálise, centrando-me nos escritos das feministas de segunda onda, em debates que se dão nos campos epistêmicos estruturalistas, pós-estruturalistas, desconstrucionistas e, mais recentemente, nos estudos *queer* (no fluxo de novas ondas).

A precursora da produção teórica deste novo momento de intensificação dos movimentos feministas foi Simone de Beauvoir, que, no primeiro volume de seu alentado estudo *O segundo sexo*, editado em 1949, deteve-se sobre *o ponto de vista psicanalítico*. Como filósofa existencialista, Beauvoir tinha com a psicanálise uma discordância de base: a questão da *escolha* que envolve a vontade consciente (concepção problematizada na teoria freudiana pelas proporções assumidas pelo conceito de inconsciente).

Freud recusou-se, não sendo filósofo, a justificar filosoficamente seu sistema; seus discípulos pretendem que dessa maneira ele elude todo ataque de ordem metafísica. Há entretanto, por trás de todas as suas afirmações, postulados metafísicos. (Beauvoir, 2000, p. 60).

O ponto de vista psicanalítico é seguido neste volume d’*O segundo sexo*, em que a autora se dedicava a separar os mitos dos fatos, pela exposição do *ponto de vista do materialismo histórico*. Toda a produção posterior das teóricas feministas da segunda onda, assim como para Simone de Beauvoir, foi marcada pelo debate ou recurso, tanto á psicanálise quanto ao marxismo, em textos favoráveis ou de oposição a essas teorias.

No bestseller da produção feminista da década de 1960, *A Mística Feminina*, Betty Friedan se detém sobre postulados da psicanálise americana, criticando o complexo de castração feminino

O conceito de “inveja do pênis”, que Freud cunhou para descrever um fenômeno que ele observava nas mulheres – isto é, nas mulheres de classe média que eram suas pacientes na Viena de uma época vitoriana – foi aproveitado neste país, nos anos 40, como a explicação literal de tudo aquilo que estava errado com as mulheres americanas (...) Tudo o que é necessário saber é o que Freud **estava** descrevendo naquelas mulheres vitorianas, para ver a falácia que existe em aplicar literalmente a sua teoria da feminilidade às mulheres de hoje. (Friedan, 1963, p. 92)

No livro, em que faz defesa da utilização da psicanálise pelas feministas, Juliet Mitchell (1979) uma feminista marxista clássica (que, conforme Jane Gallop (1997), fez o percurso à psicanálise e Lacan via o estruturalismo de Louis Althusser) apresenta uma síntese das críticas de acadêmicas e militantes feministas a Freud, analisando-as e procurando contrapor-se a alguns de seus argumentos (Mitchell, 1979,p.319-375): Simone de Beauvoir; Betty Friedan; Germaine Greer, com outro best seller do feminismo americano, *A Mulher Eunuco*, publicado em 1971

Interrogada a respeito do significado do título de seu livro, em uma entrevista à televisão, Germaine Greer disse que foi Freud, e não ela, quem disse que as mulheres eram castradas e, conseqüentemente eunucos. O objetivo de seu trabalho é devolver à mulher sua feminilidade não castrada (Mitchell, 1979, p.361)

Shulamith Firestone, autora d'*A Dialética dos Sexos* (1970)

Mas havia qualquer valor nas idéias de Freud? Vamos reexaminá-las novamente, desta vez de um ponto de vista radical. Acredito que Freud

estava falando a respeito de alguma coisa real, mesmo que suas idéias, tomadas literalmente, levem ao absurdo. Com relação a isso, consideremos que o gênio de Freud foi mais poético do que científico; suas idéias mais válidas como metáforas do que como verdades literais (Firestone, apud Mitchell, op.cit, 364).

Kate Millet, com *Sexual Politics* (1970), entre outras,

Dado que Freud não tem, na realidade qualquer prova objetiva realmente importante a oferecer para apoiar sua noção de inveja do pênis ou do complexo de castração feminino, não se pode deixar de pensar que o subjetivismo que preside à análise dos acontecimentos é o do próprio Freud, ou então provém de um forte preconceito masculino e até mesmo de um preconceito de supremacia masculina bastante acentuado. (Millet apud Mitchell, p.369).

Mitchell destaca o teor das críticas destas feministas à psicanálise, com relação à questão da submissão das mulheres: o falocentrismo da teoria, o complexo de castração, o patriarcalismo da teoria e do próprio autor, ressaltando sua posição:

A despeito de como tenha sido usada, a psicanálise não é uma prescrição para uma sociedade patriarcal, mas uma análise de uma sociedade patriarcal. Se estamos interessados em compreender e recusar a opressão da mulher não podemos nos dar ao luxo de negligenciá-la. (Mitchell,1979,p.17)

Neste ponto, em que as militantes feministas adentraram as academias e começaram a produzir em seu interior, foi quando se deu gradativamente a passagem dos estudos de mulheres para os estudos de gênero⁶.

Textos clássicos, também entre nós brasileiras⁷, são os de Gayle Rubin (1975/1993) e Joan Scott (1980/1990). Gayle Rubin introduz as discussões com o

⁶ É importante ressaltar que muitas teóricas francesas não aderiram ao conceito, utilizando a categoria de “relações sociais de sexo”.

estruturalismo de Lévi-Strauss e a psicanálise, após haver dimensionado a falha da teoria marxista para dar conta das questões envolvidas no que ela classificou como o *sistema sexo-gênero*. Suas cobranças à psicanálise se fazem a Freud e a Lacan, relacionadas à concepção do falo como o significante estrutural do psiquismo. O tráfico das mulheres como objeto de troca entre os homens, processo fundante das estruturas elementares do parentesco e da sociedade, na concepção de Lévi Strauss, fundamenta as reflexões da autora sobre a submissão das mulheres.

A concepção da organização psíquica nas identificações parentais, centradas na significação do falo na diferenciação de crianças em meninos e meninas, colocando as mulheres no pólo negativo da oposição, é o reclamo que faz à psicanálise. Ela a vê também como uma normatização da heterossexualidade, questão que será central para as teorias *queer*, das quais ela vai se tornar, em estudos posteriores, uma das figuras importantes. Rubin cobra tanto ao estruturalismo de Lévi-Strauss, quanto à psicanálise (na releitura que Lacan faz de Freud), o fato de, sendo teorias que trabalham com as diferenças masculino-feminino, com parentesco, família, sexualidade, subjetividades, não se terem posicionado em relação às estruturas que subjugam as mulheres em lugares sociais e familiares de opressão⁸.

A batalha entre a psicanálise e os movimentos de mulheres e de homossexuais tornou-se legendária. Em parte, este confronto entre revolucionários sexuais e o *establishment* clínico foi devido à evolução da psicanálise nos Estados Unidos, onde a tradição clínica fetichizou a anatomia [...] A psicanálise contém um único conjunto de conceitos para

⁷ E as traduções de seus textos para o português (e espanhol), tiveram papel importante na viagem das teorias ao Brasil. Conferir Lago, 2010, artigo em que desenvolvo reflexões iniciais sobre esse tema.

⁸ Para uma visão do contexto epistemológico e político (políticas feministas, inclusive) de produção de seu texto, conferir a entrevista que concedeu a Butler, publicada pela *Cadernos Pagu* (n.21, 2003).

compreender homens, mulheres e a sexualidade. É uma teoria da sexualidade na sociedade humana. De forma mais importante, a psicanálise fornece uma descrição dos mecanismos pelos quais os sexos são divididos e deformados, de como bebês bissexuais, andróginos, são transformados em meninos e meninas. A psicanálise é uma teoria feminista *manquée*. (Rubin, 1975/1993, p. 14)

A historiadora Joan Scott é a autora mais conhecida, a mais citada entre nós quando se trata de conceituar gênero. Seu texto referente ao uso do conceito apresenta a psicanálise (uma das vias dos estudos de gênero, no “estado da arte” que traçou no início dos anos 80) nas duas leituras que dialogam com as feministas: psicanálise das relações objetais angloamericana e psicanálise francesa na releitura de Lacan, que caracteriza como simbólica e que valoriza, mesmo que não lhe pareça uma teoria utilizável por historiador@s⁹.

A linguagem é o centro da teoria lacaniana [...] Esta interpretação implica também que o sujeito se acha em um processo constante de construção [...] me sinto incomodada pela fixação exclusiva sobre as questões relativas ao ‘sujeito’ e pela tendência a reificar, como a dimensão principal do gênero, o antagonismo subjetivamente produzido entre homens e mulheres. Além do mais, mesmo se a maneira pela qual o sujeito é produzido permanece aberta, a teoria tende a universalizar as categorias e as relações masculino e feminino. A consequência para as(os) historiadoras(es) é uma leitura redutiva dos dados do passado. Mesmo se esta teoria toma em consideração as relações sociais ligando a castração à proibição e à lei, ela não permite introduzir uma noção de especificidade e variabilidade histórica. (Scott, 1980/1990, p.12)

⁹ A obra de Scott, bastante traduzida para o português no Brasil, demonstra a importância da leitura de Foucault para as teóricas/teorias feministas.

Estes diálogos críticos de teóricas feministas com a psicanálise se deram principalmente no campo das ciências humanas, com destaque para a antropologia, a sociologia, a história, como o artigo de Scott demonstra. Neste percurso da relação ambivalente entre os dois campos, pode-se perceber a substituição da categoria *mulher* pela concepção de *mulheres* e a gradativa consolidação dos estudos de *gênero*, que passam a se utilizar do recurso à desconstrução.

A história dominante (Hemmings, 2009) dos movimentos e estudos feministas é contada numa geografia que transita entre os Estados Unidos, Inglaterra e França. América Latina e outros países em diferentes situações em relação aos países “desenvolvidos”, têm outras histórias, certamente, mas estiveram sobre a influência destes textos fundadores, dependendo das traduções dos novos cânones dos estudos de mulheres, feministas, de gênero. É parte dessa história oficial, o impacto das contestações das mulheres negras ao feminismo ocidental, de mulheres brancas (de classe média, com níveis superiores de instrução), exigindo espaços para a consideração das diferenças entre as mulheres. As vozes das mulheres lésbicas e dos movimentos gays dentro do feminismo produziram também significativas rupturas teóricas. Neste sentido, é importante considerar o destaque dos *feminismos da diferença* em várias áreas dos estudos feministas e de gênero. Na psicologia americana, os nomes mais conhecidos são os de Nancy Chodorow (1990) ligada à psicanálise das relações objetais (ou às psicologias do ego segundo Toril Moi, 1997), e Carol Gilligan (1982) com pesquisas na área da psicologia cognitiva¹⁰.

Tem muita importância para esta análise parcial das relações entre psicanálise e feminismo, a produção de teóricas francesas em diálogo com Lacan, Derrida, Foucault,

¹⁰ Conferir Lago, 2010, p. 190-191.

Deleuze (Hegel, Nietzsche, Heidegger, Sartre...), centradas nas questões do *falologocentrismo* do conhecimento ocidental e na afirmação das diferenças das mulheres.

Os nomes a destacar são os de Júlia Kristeva, Luce Irigaray, Hélène Cixous, que tematizam uma *escritura feminista*¹¹ (para Irigaray e Cixous específica das mulheres, segundo Jones, 2001). Com exceção de Kristeva, as outras duas foram pouco traduzidas para o português (tendo algumas de suas obras traduzidas para o espanhol). No artigo *Escribiendo el cuerpo: hacia una comprensión de L'Écriture Féminine*, Ann Rosalind Jones (2001) analisa também Monique Wittig, autora francesa mais divulgada na academia brasileira pela discussão de suas idéias por outras autoras (mais traduzidas entre nós do que ela), como Judith Butler (2003), e por seu combate teórico á organização da sexualidade em torno do que caracteriza como *heterossexualidade compulsória*, um dos temas fundamentais dos estudos *queer*.

Júlia Kristeva, uma das fundadoras da revista feminista marxista *Tel Quel*, encontrou na psicanálise, segundo Jones (idem), a concepção de pulsões corporais que sobrevivem às pressões culturais e podem ser sublimadas, resultando no que chamou de *discurso semiótico*. Discurso produtor de uma escrita que privilegia a linguagem de gestos, rítmica e pré-referencial, partilhada por escritores como Mallarmé, Antonin Artaud, James Joyce, que não renunciaram à fusão infantil com suas mães, podendo experimentar essas *jouissances* inconscientes que lhes permitiram escrever textos fora e contra as regras da escrita convencional. Para Kristeva, segundo Jones (1995, p. 27), “As mulheres também falam e escrevem como *histéricas*, como estranhas ao discurso

¹¹ Não estarão sendo aqui referidas aqui feministas francesas de diferentes áreas disciplinares, como história, sociologia, mas apenas algumas daquelas que produzem dentro da perspectiva das diferenças sexuais, em diálogos/discussões com a psicanálise.

dominado pelo masculino [...] seu estilo semiótico inclui separações repetitivas e espasmódicas do discurso dominante, que se vêm mais forçadas a imitar”.

Em coletânea organizada por Teresa Brennan (1997)¹² sobre psicanálise e feminismo, várias feministas acadêmicas de diferentes nacionalidades analisam as obras das feministas francesas da diferença. Lisa Jardine (1997) contrapõe ao discurso de Lacan sobre a *jouissance* (o gozo suplementar feminino), a escrita de Irigaray em *Speculum, l'autre femme*, onde esta abandona Lacan e começa a produzir seu modelo teórico de um imaginário feminino alternativo. Jardine acredita que este discurso *dentro* do discurso psicanalítico é político, já que tem a capacidade de nele se introduzir para desancorar o falocentrismo do discurso masculino da teoria.

Margaret Whitford (1997) ressalta que a reafirmação da diferença anterior ao Édipo entre homens e mulheres e a recuperação da centralidade da relação mãe/filha como base da diferença, não tornam Irigaray uma essencialista biológica linear. Whitford entende que a argumentação da autora, quando caracteriza a relação mãe/filha como *não simbolizada*, é uma argumentação construída sobre o simbólico, postulando por um *simbólico feminino* e um *imaginário feminino*. Lembra que Irigaray não é uma pré-lacaniana, mas uma pós-lacaniana que se confronta com as implicações da obra de Lacan, ressaltando que a ordem simbólica está amarrada a uma estrutura metafísica masculina, fundada num imaginário masculino, que precisaria ser subvertida.

O simbólico que vocês (Messieurs les psycanalistes) impõem como um universal, livre de qualquer contingência empírica ou histórica, é o imaginário de *vocês* transformado numa ordem, uma ordem social (Irigaray, *Parler n'est jamais neutre*. Paris, Minuit, 1985, p.269)

¹² A tradução da coletânea organizada por Brennan a partir de seminários realizados por ela na Universidade de Cambridge, em 1987, trouxe-nos os ecos de um diálogo com/entre teóricas feministas e psicanalistas inglesas e de outras nacionalidades, com escritoras e psicanalistas francesas. Sobre essa publicação, conferir também resenha que realizei para a Revista Estudos Feministas (Lago, 2001), da qual tomei a liberdade de reproduzir aqui alguns parágrafos.

Na mesma coletânea, Morag Schiach (1997) analisa a obra de Cixous, de quem é tradutora para o inglês. Em seu entender, os escritos desta autora permitem "analisar o que definimos como teoria feminista ou crítica feminista e considerar as implicações de uma prática teórica que começa com uma política articulada" (Cixous, 1995, p. 205) já que o feminismo é um termo político, um questionamento do poder e da possibilidade de mudança. Para Schiach, mesmo recorrendo aos termos da psicanálise, Cixous está constantemente minando-os. O simbólico é descrito como o simbólico *deles*, um conceito do qual as mulheres deveriam distanciar-se, na possibilidade de articularem um novo simbólico, *nosso*. O argumento de Schiach é que os textos em que a autora francesa analisa a obra de Clarice Lispector, como também suas peças de teatro, não devem ser lidos somente como parte da construção de uma estética feminina, mas devem ser colocados no contexto de um conjunto de problemas teóricos sobre a natureza da diferença. Tomando o gênero como um termo estruturante, na opressão oficial e simbólica, Cixous tenta desenvolver uma prática de escrita *para as* e em benefício *das* mulheres, já que é na escrita que ela vislumbra a possibilidade de transformação.

No texto *La risa de La Medusa*, Cixous escreve:

Diré: hoy la escritura es de las mujeres. No es una provocación, significa que: la mujer acepta lo del outro. No há eliminado, em su convertirse-em-mujer, la bissexualidad latente en el niño y en la nina. Feminidad y bissexualidad van juntas, en una combinatoria que varía según los individuos, distribuyendo de manera distinta sus intensidades, y según los momentos de su historia privilegiando tal o cual componente. Al hombre le resulta mucho má difícil dejarse atravesar por el outro. La escritura es, en mi, el paso, entrada, salida, estância, del outro que soy y no soy, que no sé ser, pero que siento pasar, que me hace vivir – que me destroza, me inquieta, me altera, ¿quién? - ,? Uno, una,

unas?, vários, del desconocido que me despierta precisamente las ganas de conocer a partir delas que toda vida se eleva. Tal poblamiento no permite descanso ni seguridad, enrarece siempre la relación con lo ‘real’, produce efectos de incertidumbre que obstaculizan la socialización del sujeto. Es angustiante, consume; y, para los hombres, esta permeabilidad, esta no-exclusión, es la amenaza, lo intolerable. (Cixous, 1995, p.46).

As autoras da *Écriture Féminine*, que partem das discussões do significado das diferenças sexuais teorizado pela psicanálise, trouxeram para o centro das reflexões feministas, uma vez mais, o tema do *essencialismo*.

Rosi Braidotti (1997) volta a esse tema, evidenciando as complexidades que pode conter. Chama a atenção para o conceito de *diferença* que tem ocupado a agenda ocidental desde Nietzsche e Freud, minando a concepção de sujeito conhecedor, derivada do homem da razão. Reconhecendo a psicanálise como teoria que representa a mudança histórica que abre a modernidade para a crise da visão clássica do sujeito e para a proliferação das imagens do outro como signo da diferença, reflete sobre as relações entre psicanálise e feminismo nos seus encontros e discordâncias. Considerando *mulher* e *feminismo* como metáforas privilegiadas da diferença e da crise dos valores racionais masculinos, Braidotti idealiza uma ontologia feminista, em que as mulheres se responsabilizem por todas as definições que têm sido feitas sobre a mulher como essência histórica (p. 140). A autora retoma a questão do corpo e do essencialismo, reportando-se a Irigaray e seu projeto de um simbólico feminino. Tomando o essencialismo como uma diferença, ela ressalta

Em vez de separar da afirmação da diferença a luta pela igualdade, veja-as como complementares e parte de uma história contínua. O movimento feminista é o espaço onde a diferença sexual se torna operacional, por

intermédio da estratégia de lutar pela igualdade dos sexos numa ordem cultural e econômica dominada pelo vínculo masculino homosocial. O que está em jogo é a definição da mulher como um outro que não seja um não-homem.(Braidotti, 1997, p.126)

Braidotti se posiciona por um outro essencialismo, que não abra mão do jogo de representação da mulher, ou da ligação entre o simbólico ou discursivo, e o corporal, ou material, afirmando que “...a mulher teórica feminista que está interessada em pensar sobre a diferença sexual e o feminismo hoje não pode se dar ao luxo de não ser uma essencialista” (Braidotti, 1997, p. 128).

Finalizo essa série de citações com escritos da filósofa americana Judith Butler, de projeção no campo dos estudos feministas e de gênero e no desenvolvimento dos estudos *queer*. Butler desenvolve um diálogo crítico com a psicanálise e recorre a conceitos psicanalíticos, que utiliza de modo singular, articulados a suas reflexões e propostas teóricas. Seus textos são bastante discutidos têm rendido publicações, inclusive no Brasil¹³. Penso mesmo que ela está implicada em uma certa renovação do interesse das teóricas feministas pela psicanálise nos dias de hoje.

Nas publicações em que introduz novos conceitos (o gênero como *performance*, por exemplo), que levam a mudanças de rumos nas reflexões feministas, Butler dialoga com muitos autor@s, desde filósofos modernos, estruturalistas, pós-estruturalistas, desconstrucionistas (advogando a consideração da materialidade do corpo, por exemplo). Retoma também o diálogo com as feministas de segunda onda e com as

¹³ Conferir Patrícia Porchat P. da S. Knudsen. *Gênero, psicanálise e Judith Butler- do transexualismo à política*. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da USP, São Paulo, 2007.

teóricas francesas da escritura feminina. No primeiro capítulo de seu livro *Problemas de gênero* (1990/2003, p. 28-29), Butler escreve

As mulheres são o ‘sexo’ que não é ‘uno’. Numa linguagem difusamente masculinista, uma linguagem falocêntrica, as mulheres constituem o *irrepresentável*. Em outras palavras, as mulheres representam o sexo que não pode ser pensado, uma ausência e opacidade lingüísticas. Numa linguagem que repousa na significação unívoca, o sexo feminino constitui aquilo que não se pode restringir nem designar. Nesse sentido, as mulheres são o sexo que não é ‘uno’, mas múltiplo. Em oposição a Beauvoir, para quem as mulheres são designadas como o Outro, Irigaray argumenta que tanto o sujeito como o Outro são os esteios de uma economia significante falocêntrica e fechada, que atinge seu objetivo totalizante por via da completa exclusão do feminino”.

No capítulo desse livro em que trata da *produção da matriz heterossexual*, Butler analisa as implicações do estruturalismo e da psicanálise nessa produção, seguindo o trajeto já percorrido por Rubin. Nesse sentido desenvolve uma elaborada interlocução com textos de Freud sobre a questão da melancolia feminina. A citação seguinte explicita os desdobramentos de suas concepções a partir desse diálogo

Considerando que as identificações substituem as relações de objeto e são a consequência de uma perda, a identificação de gênero é uma espécie de *melancolia* em que o sexo do objeto perdido é internalizado como proibição. Esta proibição sanciona e regula identidades de gênero distintas e a lei do desejo heterossexual. A resolução do complexo de Édipo afeta a identificação de gênero por via não só do tabu do incesto, mas, antes disso, do tabu contra a homossexualidade. (Butler, 2003, p. 98).

Butler retoma o tema da melancolia na consideração da concepção de linguagem semiótica de Kristeva e suas implicações com a maternidade das mulheres, concepções que critica consistentemente. Em *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del 'sexo'* (1993/2005), publicação em que elabora a construção, no interior das normas produtoras do gênero, do *abjeto*, do *inumano*, Butler reporta-se a Kristeva, citando o *ensaio sobre abjeção* que escreveu, marcando seu enfoque como diferente e relacionando-o com o conceito psicanalítico de *forclusão*.

Mientras la noción psicoanalítica de *Verwerfung* traducida como 'forclusión' produce la socialidad a través del repudio de un significante primário que produce un inconsciente o, en la teoría lacaniana, el registro de lo real, la noción de *abyección* designa uma condição degradada o excluída dentro de los termos de la socialidad. (Butler, 2005, p.20)

Para concluir,

Procurei relacionar as relações de teóricas feministas com a psicanálise nos tempos da constituição da teoria, com o fluxo da *primeira onda* dos movimentos feministas, nas lutas por igualdades de direitos. Detive-me em algumas autoras da *segunda onda* feminista, que retomaram relações tensas, de afastamento, de adesão, com o corpo conceitual da psicanálise. Relações de ambivalência que se deram, nestes tempos, tanto com teóricas dos *feminismos da igualdade* (refletindo, em geral, sobre igualdade e diferenças, no sentido de superação desta divisão dicotômica), quanto com teóricas dos *feminismos das diferenças*. No interior dessa relação nos campos de conhecimento psicanalista e feminista, as reflexões continuam se complexificando, instruídas também pelas áreas da literatura, da crítica literária, da filosofia, e relacionadas, mais recentemente, aos estudos *queer*.

Ressalto novamente a parcialidade das reflexões deste artigo, em que certamente deixaram de ser mencionadas autoras feministas, psicanalistas ou contrárias à psicanálise, que deveriam ter sido lembradas.

Busquei algumas citações de autoras feministas, no intuito de deixar vislumbrar o teor de complexidade que reveste esses tensos e profícuos diálogos, em críticas que retornam a antigas questões, constituídas ainda, para teóricas feministas, como os nós da psicanálise enredados em torno das diferenciações que constituem feminilidades. Mas críticas e reflexões que se fazem em novos paradigmas discursivos, nos fluxos de novas temporalidades e movimentos e, como podemos perceber, em novos níveis de complexidade, na retomada de velhos temas e na ênfase em questões atuais: o complexo de castração feminino; o falo como significante universal; o falologocentrismo do conhecimento ocidental de que partilha a teoria; a produção da heterossexualidade como norma.

Em desdobramentos atuais das tensas e produtivas relações entre psicanálise e teorias feministas/estudos de gênero/teorias *queer*, colocados pela emergência de novas configurações familiares e pelas disputas políticas em torno da parentalidade homossexual, as disputas e reflexões se elaboram também em torno da concepção de diferença sexual e do tema lacaniano da sexuação¹⁴.

Referências

Arán, Márcia. (2009) A psicanálise e o dispositivo da diferença sexual. In: *Revista Estudos feministas*. V.17 n.3/2009. Florianópolis, CCE/CFH- UFSC. p.653- 673.

¹⁴ Conferir Simone Perelson (2006), Márcia Arán (2009), Patrícia Porchat (2010), entre outr@s.

- Beauvoir, Simone de (1949/2000). *O Segundo Sexo. 1 Fatos e Mitos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Braidotti, Rosi (1997). A política da diferença ontológica. In Brennan, T. (Org.). *Para além do falo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. p. 123- 144.
- Butler, Judith (1990/2003). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____. (1993/2005). *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires, Paidós.
- Chodorow, Nancy. (1978/1990). *Psicanálise da Maternidade: uma crítica a Freud a Partir da Mulher*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos.
- _____. (1979). Estrutura Familiar e Personalidade Feminina. In Rosaldo, Michele Z. & Lamphere, Louise (Orgs). *A Mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p.65-94.
- Cixous, Hélène.. (1995). *La Risa de la Medusa: ensayos sobre la escritura*. Barcelona, Anthopos; Madrid, Comunidad de Madrid; San Juan, Universidad de Puerto Rico.
- Deutsch, Hélène. (1925/1979). La psicología de la mujer em relación com las funciones de reproducción. In Rivière, J. *La Femeineidad Como Máscara*. Barcelona, Editora Tusquests. p. 43-58.
- Freud, Sigmund. (1969). *A organização genital infantil [1923]; A dissolução do complexo de Édipo [1924]; Algumas consequências psicológicas da diferença anatômica entre os sexos.[1925] Sexualidade Feminina [1931]; Feminilidade (1933) [1932]*. ESBOPC de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- Gallop, Jane. (1997). Andando para trás ou para frente. In Brennan, T. (Org.). *Para além do falo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. p. 43- 60.
- Gilligan, Carol. (1982). *Uma voz diferente*. Rio de Janeiro, Record, Rosa dos Tempos.
- Hemmings, Clare (2009, jan/ abr). Contando estórias feministas. *Revista Estudos Feministas*, V. 17 N,1/ 2009, Florianópolis, CCE/CFH- UFSC. p. 215- 241.
- Horney, Karen (1924/1979). Sobre la gênesis del complejo de castración de la mujer. In Rivière, J. *La Femeineidad Como Máscara*. Barcelona, Editora Tusquests. p. 71-88.
- Irigaray, Luce (1997). O gesto na psicanálise. In Brennan, T (Org.). *Para além do falo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. p.171- 186.
-

- _____ (1985). *Parler n' est jamais neutre*. Paris, Éditions Minuit.
-
- Jardine, Lisa (1997). A política da impenetrabilidade. In Brennan, T (Org.). *Para além do falo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. p. 91- 102.
- Jones, Ernest. (1927/1979). La fase precoz del desarrollo de la sexualidad femenina. In Rivière, J. *La Femeidad Como Máscara*. Barcelona, Editora Tusquets. p. 25-41.
- Jones, Ann Rosalind. (2001). Escribiendo el cuerpo: hacia una comprensión de L'Écriture Féminine. In Navarro, M & Stimpson, C. R.(Comp.). *Nuevas Direcciones*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Econômica de Argentina. p. 23-45.
- Klein, Melanie (1928/1964). Los primeros estágios del complejo de Édipo. In Klein, M. *El psicoanálisis de niños*. Buenos Aires, Hormé.
- Knudsen, Patrícia Porchat P. da S. (2007). *Gênero, Psicanálise e Judith Butler- do transexualismo à política*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo.
- _____ (2010). *O que a psicanálise tem a dizer sobre as novas configurações de gênero*. Palestra proferida em MR do Fazendo Gênero 9, Florianópolis, UFSC.
- Lajonquière, Leandro de. (1992). *DE PIAGET A FREUD: para repensar as aprendizagens. A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber*. Petrópolis, Ed. Vozes.
- Lago, Mara Coelho de S. (2010). Feminismo, psicanálise, gênero: viagens e traduções. In: *Revista estudos Feministas*. V. 18 N.1/2010. Florianópolis, CCE/CFH-UFSC. p. 189- 204.
- _____ (2001). Feminismo e psicanálise, ainda... *Revista Estudos Feministas*, V. 9 N. 2/2001. Florianópolis, CCE/CFH- UFSC. p. 618- 625.
- Lampl-De Groot, Jeanne (1928). The evolution of the Oedipus Complex in Women. *International Journal of Psychoanalysis*, IX.
- Mitchell, Juliet. (1979). *Psicanálise e feminismo: Freud, Reich, Laing e a Mulher*. Belo Horizonte: Editora Interlivros.
- _____ (1988). *Psicanálise da sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- Moi, Toril (1997). Pensamento patriarcal e a pulsão do conhecimento. In Brennan, T. (Org.). *Para além do falo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. p. 253- 275.

- Monzani, Luiz. Roberto (1989). *FREUD: o movimento de um pensamento*. Campinas, Ed. da UNICAMP.
- Perelson, Simone (2006). A parentalidade homossexual: uma exposição do debate psicanalítico no debate francês atual. In: *Revista estudos Feministas*. V. 14 N.3/2006. Florianópolis, CCE/CFH-UFSC. p. 709- 730.
- Riviére, Joan (1929/1979). *La femineidad como máscara*. Barcelona, Editora Tusquets. p. 11- 24.
- Rubin, Gayle. (1975/1993, março). *O Tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo*. Recife, SOS – Corpo. p. 2- 32.
- Rubin com Butler (2003). Tráfico sexual – entrevista. *Cadernos Pagu*, (21), 157-210.
- Schorske, Carl E. (1989). *Viena fin-de-siecle*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Shiach, Morag (1997). O ‘simbólico’ deles existe, detém poder – nós, as semeadoras da desordem, o conhecemos bem demais. In Brennan, T. (Org.). *Para além do falo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. p. 205- 224.
- Scott, Joan (1990, jul/dez). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Porto Alegre, *Revista Educação e Sociedade*, 20(2).
- _____ (2002) *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis, Ed. Mulheres.
- Tubert, Silvia (1995). Introducción a la edición espanhola. In Flax, J. *Psicoanálisis y feminismo. Pensamientos Fragmentários*. Madrid, Ediciones Cátedra, Universitat de València, Instituto de la Mujer. p. 15- 41.
- Whitford, Margaret. (1997). Releitura de Irigaray. In Brennan, T. (Org.). *Para além do falo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. p. 145- 170.